

O incômodo vizinho sul-americano do norte

É impressionante a capacidade de buscar o “foco dos holofotes” nas relações internacionais por parte do presidente da Venezuela, Hugo Chavez. Sua forma de fazer Política é um tanto heterodoxa, para não dizer esdrúxula. Claro que pode ser explicada. É possível começar pela conduta inadequada de uma diplomata de carreira venezuelana, acreditada do Brasil como Cônsul-Geral, interferindo em assuntos domésticos brasileiros, quando deveria atuar dentro da sua competência diplomática, qual seja a de defender seus nacionais, venezuelanos, presentes no nosso País, seja qual for o motivo. Esta é a função prioritária de uma relação consular tradicional e reconhecida desde o “Tratado de Viena para as Relações Consulares”, o qual o Brasil e a Venezuela são signatários. Em face da sua origem militar, também é oportuno argumentar sua conduta inoportuna, provocativa e antagonica de declarar, publicamente, sua decisão de deslocar um contingente do Exército para uma determinada faixa da fronteira venezuelana com a Colômbia. Ele sabe muito bem que este ato militar significa um sinal de ameaça de agressão ao estado vizinho. E se o fez, ostensivamente, além de assumir um risco estratégico-militar, desejava que soubessem do seu interesse em “participar diretamente, mesmo não sendo convidado”, da crise político-estratégica, mesmo sem ser convidado. Um terceiro e último argumento se origina da recente crise do gás entre o Brasil e a Bolívia, tomando para si o papel de “guia” e de orientador das ações a serem empreendidas pela Bolívia na crise e desde a posse de seu atual presidente, Evo Morales. Poderia ficar registrando um conjunto de atitudes condizentes à “moldura política” optada pelo Chavez, tal como a postura nada educada, muito menos diplomática, na Assembléia-Geral da ONU por ocasião da abertura anual daquele organismo internacional ou ainda sua idéia “fraterna” de conceber um gasoduto que ligue a Venezuela até a Argentina, passando pelo Brasil e fornecendo gás para quem necessitar.

O que importa, para uma análise mais racional e conjuntural, é ser a Venezuela um lugar instrutivo para melhor compreendermos o mundo globalizado em que vivemos na atualidade, por ser, digamos assim, um país rico em petróleo e gás, e que insiste em criticar a política imperialista dos EUA. Uma primeira conclusão é que no século XXI o *comércio triunfa sobre a política*, haja vista Chaves manter os laços comerciais entre a Venezuela e os EUA, ao mesmo tempo chamando o Presidente Bush de “demônio”. Pegando este gancho de riqueza natural, torna-se claro que *o petróleo e gás centralizam o poder*, confirmando a tese da cientista política Margarita Maya, também venezuelana. Por receber um valor entre US\$ 4 bilhões e US\$ 6,5 bilhões em cada mês pela receita decorrente do comércio de petróleo e gás, um valor próximo a US\$ 100 milhões por dia, Chavez delira conforme seu humor e sua vocação distorcida de liderança. Falando

em liderança, outra conclusão é o *crescente nacionalismo em decorrência do processo da globalização*. O discurso de Chavez é apoiado na identidade nacional com bandeira da esquerda, mas com um viés falacioso de uma “república bolivariana” regional, anti-imperialista, pois o intenso fluxo financeiro global, aliado à crescente flexibilidade com segurança nas tecnologias da informação, limitam de fato o poder real dos políticos. Também se ressalta a *consolidação de redes anti-americanas universais*, em face dos vínculos criados por Chavez com outros países como a Bolívia, Equador, Nicarágua e Cuba e dos laços estabelecidos com o Irã, China, Rússia, estes últimos comercializando armamentos e costurando parcerias no campo econômico-militar com a Venezuela.

Outro aspecto conclusivo gira em torno do *desafio à democracia*, pela censura de canais de rádio e TV da oposição ao governo de Chavez e quando o poder judiciário fica a serviço do executivo, além da corrupção se tornar um meio de vida regular. E quando é mencionada a TV, também fica bem definido *o triunfo da mídia sobre qualquer coisa*, haja vista a situação crítica interna da Venezuela no abastecimento de gêneros para a grande maioria da população, em contraponto aos jogos de basquete e do verdadeiro fanatismo pelo beisebol. Acrescentam-se os fatos da longa espera para obtenção de visto de entrada para os EUA pela crescente demanda, dos vôos sempre lotados de e para os EUA e das prateleiras sendo continuamente repostas com produtos americanos. Mesmo existindo projeto de alteração de fuso horário (sic), Hugo Chavez no momento se encontra provavelmente *confuso*, incomodando em excesso seus vizinhos, quando não interfere nos interesses desses mesmos vizinhos. Com a palavra a diplomacia brasileira!

Roberto Carvalho de Medeiros, CMG (Ref), professor universitário (rmed@sagres.org.br).